

## **Tradições populares nos costumes e práticas de cura com plantas medicinais na contemporaneidade - Viçosa, MG**

Vanessa Lana<sup>1</sup> & Paloma Gabriele Fernandes Lobato<sup>2</sup>

**Resumo:** A proposta deste artigo é discutir os resultados da pesquisa "Tradições populares nos costumes e práticas de cura com plantas medicinais em Viçosa e região", realizada por meio do Programa Institucional de Bolsas de Cultura e Arte Universitária - PROCULTURA, da Universidade Federal de Viçosa. O projeto de extensão teve como objetivo refletir sobre os usos e costumes das tradições populares a partir das práticas de cura com plantas medicinais. O trabalho de campo foi desenvolvido na comunidade de Cachoeira de Santa Cruz (Cachoeirinha) e apontou para permanências culturais nos usos das plantas e aspectos singulares desses usos na cultura local. Como resultado do projeto foram realizadas duas oficinas na localidade, dentro da proposta de interação Universidade / Comunidade.

**Palavras-chave:** História das Ciências. Plantas Medicinais. Cultura. Tradições populares. Extensão.

**Área Temática:** Cultura, Educação.

### **Popular traditions in customs and healing practices with medicinal plants in the contemporary - Viçosa, MG**

**Abstract:** The purpose of this article is to discuss the research results "Popular Traditions in the customs and practices of cure with medicinal plants in Viçosa and region" held by the Institutional Scholarship Program for Culture and University Art -. PROCULTURA, the Federal University of Viçosa. The extension project aimed to reflect on the ways and customs of popular traditions from the healing practices for medicinal plants. The fieldwork was developed in the community of Cachoeira Santa Cruz (Cachoeirinha) and pointed to cultural continuities in the uses of plants and singular aspects of these uses in the local culture. As a result of the project, two workshops has been realized , within the proposed interaction University / Community.

**Keywords:** History of science. Medicinal plants. Culture. Popular traditions. Extension.

### **Tradiciones populares de las costumbres y prácticas de curación para las plantas medicinales en la contemporánea - Viçosa, MG**

**Resumen:** El propósito de este artículo es discutir las investigaciones "Tradiciones populares en las costumbres y prácticas de curación con plantas medicinales en Viçosa y la región", realizado por el Programa de beca institucional para la Cultura y la Universidad de Arte - PROCULTURA, la Universidad Federal de Viçosa. El proyecto extensión destinada a reflexionar sobre los usos y costumbres de las tradiciones populares de las prácticas curativas de las plantas medicinales. El trabajo de campo se desarrolló en la comunidad de Cachoeira Santa Cruz (Cachoeirinha) y señaló continuidades culturales en los usos de las plantas y los aspectos singular de estos usos en la cultura local. Como resultado del proyecto se realizaron dos talleres en la ciudad en la interacción proyectada Universidad / Comunidad.

**Palabras clave:** Historia de la Ciencia. Plantas medicinales. Cultura. Tradiciones populares. Extensión.

<sup>1</sup> Professora do Departamento de História da Universidade Federal de Viçosa. Endereço: Avenida Peter Henry Rolfs, s/n - Campus Universitário, 36570-900 - Viçosa -MG - Brasil. Telefone (31) 3899 3725. Email: vanessalana@ufv.br.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de História da Universidade Federal de Viçosa. Email: palo-ma.lobato@ufv.br.

## Introdução

O objetivo deste artigo é discutir o projeto de extensão “Tradições populares nos costumes e práticas de cura com plantas medicinais em Viçosa e região”, desenvolvido no Departamento de História da Universidade Federal de Viçosa. O projeto foi executado no ano de 2015, dentro do Programa Institucional de Bolsas de Cultura e Arte Universitária - PROCULTURA. A proposta foi refletir, numa perspectiva interdisciplinar, sobre as práticas culturais em Viçosa e região, a partir dos costumes de cura com plantas medicinais. Tal ideia corrobora com a concepção de ensino e formação plurais, que tenham na integração com a comunidade um dos principais eixos norteadores.

Conforme orientação do Parecer CNE/CP 9/2001, é fundamental buscar a superação de uma prática de ensino vista como reprodutora de informações. Para tal, deve-se atentar à necessidade de um ensino crítico, com práticas metodológicas diversificadas, que estimulem a produção do conhecimento e mobilizem o raciocínio e a experimentação (BRASIL, 2001). Assim, alguns desafios se colocam para professores, estudantes e licenciados na Educação Básica, em relação ao desenvolvimento de saberes de informação, argumentação, criatividade, e reflexão.

Como preveem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, nos cursos de licenciaturas só é possível romper com a visão fragmentada do conhecimento, que predomina especialmente nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio, se houver uma preocupação em redimensionar a formação disciplinar dos docentes, focando a interdisciplinaridade (BRASIL, 2001). Nesse contexto, o ensino não se deve restringir a transmitir informações ou apresentar apenas um único caminho, mas sim ajudar o aluno a tomar consciência de si mesmo, da sociedade e do meio em que vive. Embora no aspecto normativo haja ênfase na necessidade de inovações no ensino, o que se observa ainda é a utilização de métodos rotineiros e mecânicos nas ações educacionais, tendo as novas propostas de ensino pouca repercussão em práticas didáticas na sala de aula.

A discussão sobre questões do âmbito cultural gera um impacto positivo na educação, ao permitir a problematização sobre ideias como “cultura popular”, “senso comum” e na perpetuação de práticas, como os usos de plantas medicinais e seus significados culturais dentro de determinadas localidades e grupos. Nesse sentido, o projeto aqui discutido buscou a valorização da cultura e tradições populares de Viçosa e região, por intermédio do resgate de práticas de curas com plantas medicinais; o resgate da memória de grupos da região, que perpetuam símbolos culturais, discutindo seus significados para a comunidade; e a criação de mecanismos de divulgação cultural e diálogos com as escolas, envolvendo professores e estudantes da Educação Básica.

Dentro dessa perspectiva de pensar diferentes formas de integração entre comunidade e Universidade e de mecanismos de ensino e divulgação que fossem para além do tradicionalmente pensado, a proposta de produto do nosso projeto foi a criação de oficinas aplicadas na localidade estudada. As oficinas sobre a utilização de plantas medicinais tiveram como perspectiva trazer à tona a importância cultural de tais práticas passadas por gerações, ressaltando a pluralidade existente em nossa sociedade tanto no que tange a “crença pelo hábito”, quanto pela fundamentação dita “científica”.

Assim, esta proposta de extensão se justificou pelo resgate de tradições de cultura popular em Viçosa e região, na valorização de práticas que permaneceram por gerações e na perpetuação desses ensinamentos. Buscamos analisar os valores e códigos culturais presentes nos diferentes usos das plantas e seus significados para os grupos, numa proposta de valorização da cultura e da identidade dos grupos locais. Ao realizar essa proposta na Universidade Federal de Viçosa, acreditamos que podemos contribuir na valorização de uma das funções importantes da instituição, que é o diálogo com a comunidade e a valorização da cultura local. No caso da formação de professores, o projeto contribuiu para a criação de novas ferramentas de ensino na licenciatura em História da UFV, priorizando o diálogo e troca de experiência com profissionais e estudantes da própria Universidade e da educação básica na região.

Isto posto, dividimos a análise em três partes principais. Primeiramente, discorreremos sobre os pressupostos teóricos que embasaram e fundamentaram a construção do trabalho. Num segundo momento, discutiremos a comunidade contemplada, atentando para a presença das práticas de cura com plantas medicinais na localidade e os fundamentos da observação na pesquisa realizada. Na última parte do texto, analisaremos os produtos do projeto de extensão, -que foram duas oficinas realizadas na comunidade, discutindo os princípios de elaboração das oficinas e a aplicação das mesmas.

## A construção da pesquisa e seus produtos

Nas últimas décadas, a História das Ciências, enquanto campo de estudos, tem passado por grandes transformações no tocante à definição de ciência como uma atividade social cujo desenvolvimento resulta da ação de variáveis internas e externas, dentro de contextos e temporalidades específicas (DANTES, 2005). As práticas científicas têm sido pensadas como reflexos de culturas específicas e inseridas numa determinada conjuntura. Assim, ao discutir sobre a história das ciências no Brasil, tomamos como norte as especificidades nacionais na construção de discursos, práticas, nas intervenções nos espaços público e privado e no diálogo entre tradições locais e preceitos científicos consolidados no cenário internacional. Acreditamos que o contexto cultural local, com a presença de saberes próprios, atua de forma decisiva no processo de difusão e afirmação das práticas científicas, gerando apropriações diferenciadas das ciências modernas.

As tradições são parte indissociável das identidades sociais, representando aspectos significativos da vida cotidiana de grupos e comunidades que partilham dessas tradições. Nesse sentido, acreditamos que a utilização de plantas com funções medicinais, vinculadas à “medicina popular”, representa um ponto de encontro entre permanências e rupturas culturais, permitindo a observação de diferentes tradições e culturas. É possível perceber a construção e perpetuação de ambas, a partir de conhecimentos e saberes oriundos de diferentes culturas. A invenção ou reinvenção de tradições permite o estabelecimento de uma relação concreta de continuidade em relação a algum dado concreto do cotidiano.

Por “tradições inventadas”, tomamos como base os estudos de Hobsbawm e Ranger, que apontam o conceito como

(...) um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWM e RANGER, 1984: 10).

Assim, buscamos analisar as tradições culturais com o uso de plantas para fins medicinais por meio da compreensão dos significados destas para a população, sua historicidade, rupturas e permanências. Para além de uma continuidade em relação ao passado, foi interesse na análise perceber as ressignificações dessas práticas, tendo como base uma análise internalista da ciência, o que leva em consideração aspectos contextuais das práticas científicas.

Historicamente, o uso da utilização de plantas medicinais no Brasil fez parte do arcabouço da chamada “medicina popular”, que era baseada nos costumes e práticas difundidas no meio social e passadas de geração a geração, para o combate a diferentes enfermidades. No século XIX, momento de formação do Estado Nacional brasileiro, foram financiadas expedições científicas para reconhecimento e tomada de território e com a função de explorar a flora e fauna nacionais. Destas expedições, existem registros de usos sobre a apropriação de plantas para fins medicinais, em diferentes grupos (SANTOS, 2008). A literatura sobre os usos de plantas medicinais desataca que:

Os remédios advindos da natureza foram amplamente empregados na cura das enfermidades que assolavam os habitantes das terras brasileiras e os saberes sobre usos e propriedades das plantas medicinais foram, desde o século XVII principalmente, estudados e divulgados no mundo científico, nos centros de botânica e história natural na Europa. Esse movimento também se fez presente no Brasil, que contribuiu para o estabelecimento e fortalecimento de uma rede de informações e circulação sobre as potencialidades e possíveis usos das drogas naturais (SANTOS, 2008: 1026).

Essas plantas, ainda segundo a autora, foram utilizadas para fins medicinais, nas tentativas de cura de males do corpo e do espírito, constituindo redes de saberes e informações sobre as potencialidades da natureza brasileira. Os usos destas plantas e sua perpetuação nos espaços e tempos, possibilitam a discussão acerca da importância da natureza e de seus produtos na construção de identidades de diferentes grupos (SANTOS, 2008).

O estudo dos usos de plantas medicinais permite refletir sobre a construção de uma tradição ~~de~~ ~~uso~~ inventada a partir dos conhecimentos e saberes oriundos de diferentes culturas. Assim, são passíveis de serem observados e discutidos: os modos de vida configurados, os códigos culturais partilhados e os significados de práticas populares na formação da identidade de grupos (SANTOS, 2000).

Por cultura, tomamos no projeto as indicações conceituais do antropólogo Clifford Geertz (2008), que aponta que todo homem é um ser cultural, um ser social, imerso numa rede de sentidos e significados que são identificados como cultura. Nesse sentido, estudar uma cultura é discutir um código de símbolos partilhados por membros da mesma, identificando particularidades presentes nos diferentes grupos. Ainda segundo o antropólogo, não há socialização total em uma determinada cultura, o que se partilha são “códigos simbólicos” (GEERTZ, 2008), o que nos permite pensar sobre as diferenças culturais e as perpetuações de práticas e usos de plantas medicinais pelos grupos estudados.

Retomando a análise de SANTOS (2000), o autor afirma que :

Assimilados de modo empírico a partir das necessidades impostas pela realidade cotidiana, os saberes constitutivos das tradições populares de uso de plantas medicinais incorporam novos métodos de uso de plantas e novos objetivos para estes usos (SANTOS, 2000, p. 929).

Assim, ao propor uma interação entre os saberes ditos “científicos” e o “saber popular”, o projeto buscou envolver os dois campos no processo de construção do conhecimento, num diálogo e interlocução entre a comunidade acadêmica e a comunidade de Viçosa e região. A cidade de Viçosa está situada no interior do estado de Minas Gerais. Conhecida como “Santa Rita do Turvo” em meados do século XIX, foi elevada à condição de cidade em 1886, com a denominação “Viçosa de Santa Rita”, em 1911 passa a adotar o nome atual (PANIAGO, 1990).

O município e suas dinâmicas social e econômica são fortemente influenciados pela Universidade Federal de Viçosa e seus estudantes, principalmente na área central. Ao mapear essa área, dentro das finalidades da pesquisa, não encontramos grupos que fizessem uso das plantas medicinais com fins terapêuticos. Levantou-se como uma das hipóteses que essa região mantivesse uma relação mais forte com a Universidade e as práticas mais utilizadas para cura fossem buscadas na chamada “medicina acadêmica”, ou nos profissionais diplomados por faculdades.

Na continuidade do mapeamento da cidade, para que se pudesse conhecer grupos que perpetuassem os costumes com plantas medicinais, ficamos conhecendo a comunidade de Cachoeira de Santa Cruz, mais conhecida e tratada neste artigo como comunidade de Cachoeirinha. A comunidade é um distrito da zona rural de Viçosa. Ao iniciar as visitas e observações na comunidade, percebemos que seus moradores mantinham fortes vínculos com as plantas. Iniciamos o trabalho no Posto de Saúde de Cachoeirinha e tivemos no Posto nosso alicerce da pesquisa, tendo como auxiliar e mediadora no contato com a população local uma agente de saúde que trabalha no Posto.

As oficinas realizadas no projeto foram elaboradas com o objetivo de resgatar as tradições dos usos de plantas medicinais para fins terapêuticos na comunidade de Cachoeirinha, com vistas à valorização e perpetuação dessas tradições. Para tal, foram selecionados dois públicos alvo. Primeiro, nos voltamos para os adolescentes que cursavam o ensino fundamental. O segundo foi o grupo de mulheres que frequentava o Posto de Saúde da Comunidade. Em ambos, o objetivo principal era identificar o conhecimento que tinham acerca das plantas e os significados dessas práticas no cotidiano, além de reforçar e valorizar a tradição local.

A primeira oficina foi denominada “O Universo da minha geração: A significação da Flora Brasileira do XIX ao XXI”. O público-alvo foram alunos do segundo segmento do ensino fundamental da educação básica na escola da comunidade. A escolha desse público se deu com o objetivo de investigar os conhecimentos que os adolescentes tinham sobre o ~~uso~~ ~~de~~ utilização das plantas e, ao mesmo tempo, buscar resgatar essas tradições, pontuando com eles que muitos dos usos de plantas que fazem no cotidiano, ou de plantas que conhecem dos quintais de casa, têm uma longa história e fazem parte da memória da localidade.

A oficina foi dividida em três eixos temáticos. O primeiro, “Os conhecimentos sobre a natureza no XIX”, teve como objetivo contextualizar o ~~uso~~ ~~de~~ tomada das plantas para fins medicinais no século XIX em diferentes instâncias no território brasileiro, e, ainda, apontar o encontro de povos como ação primordial para construção de culturas próprias brasileiras no que tange as práticas de cura com a utilização da flora. O segundo, “A utilização dos conhecimentos tradicionais no século XX”, nesse

eixo discutiu-se com os alunos o espaço cultural em que eles se inserem, além de buscar uma consciência crítica para aquilo que o outro tem a oferecer para a formação de identidade coletiva ao ressaltar as diferentes ~~forma~~ tradições passadas de geração em geração, ~~através~~ por meio da ~~em forma de~~ oralidade, sobre o tratamento de enfermidades com as plantas. No último, “O (re) significado das tradições de cura no século XXI”, buscou-se fomentar o diálogo sobre a identificação dessa geração dentro da comunidade e nos costumes com as plantas.

A aplicação dessa oficina foi realizada em dois dias, para que pudéssemos realizá-la com os alunos do 7º ao 9º ano do Ensino Fundamental. No primeiro dia, chegamos à escola às 8 horas da manhã e fomos recebidos pela diretora. Fomos encaminhados para a sala do 9º ano, ~~onde~~ na qual a turma do 8º ano iria se juntar a nós. Utilizamos o recurso de data show com a apresentação de um *power point* para abrir um espaço de maior interatividade com os alunos. A oficina contou com um percurso histórico desde o século XIX com a vinda da família real para o Brasil e pesquisas de viajantes europeus para estudar as riquezas naturais do país. Conversamos, ainda, sobre as plantas encontradas em Cachoeirinha e os alunos puderam compartilhar suas experiências com as mesmas. Ao longo do trabalho de observação e pesquisa na comunidade, percebemos que havia muito da herança indígena e africana nos usos das plantas. Assim, esse foi um dos temas discutidos com os alunos, por meio de exemplos de plantas do cotidiano deles, que faziam parte de rituais desses povos. Durante toda a oficina os professores também participaram com sugestões, histórias e comentários. Ao final, os alunos escreveram em forma de texto ou ilustração a avaliação da oficina.

~~No~~ Na segunda oficina, uma semana depois, o mesmo formato foi empregado - para com os alunos do 7º ano. Também fomos recebidos pela diretora às 8 horas da manhã. Os passos seguidos foram os descritos acima e, ao final, os alunos do 7º ano também escreveram ou ilustraram sua avaliação da oficina. No geral, as avaliações apontaram para pontos positivos e pudemos observar muito envolvimento dos ~~envolvidos~~ participantes com as atividades e discussões propostas.

A segunda oficina proposta teve como tema “A memória coletiva” e foi ministrada no posto de saúde de Cachoeirinha, para a comunidade em geral, com ênfase nas mulheres que frequentavam o local. Quando se iniciaram ~~os trabalhos~~ as atividades de pesquisa em Cachoeirinha, fomos recebidos por uma das agentes de saúde local. A profissional nos sugeriu realizar um trabalho com as mulheres que frequentavam o posto, pois muitas delas utilizavam as plantas e, em sua maioria, de forma concomitante aos prescritos médicos. A partir desses preceitos, organizamos uma roda de conversa com essas mulheres, indicadas pelo próprio Posto de Saúde.

A oficina foi iniciada com conversas sobre as visitas de campo que havíamos realizado na comunidade no começo do ano, inclusive com algumas das pessoas presentes no momento. Discutimos sobre as plantas encontradas na comunidade e os aspectos analisados ao longo do ano. Além disso, cada uma pôde compartilhar experiências próprias e contar um pouco sobre os costumes com as plantas e como cada um construiu uma parte da diversidade cultural. No final, preenchemos, todos juntos, um cartaz, para que pudesse ficar no posto, com algumas plantas e suas utilidades para saúde. Como agradecimento à participação, foi dada uma muda de planta a cada participante, também como uma mensagem da importância de se manter vivas as práticas realizadas na comunidade.

## Dos resultados: comunidade e a tradição cultural no uso das plantas medicinais

A comunidade de Cachoeirinha nos despertou interesse para esse trabalho, dos usos das plantas medicinais, por apresentar elementos que mesclam uma difusão de costumes e tradições culturais, perpassado às gerações por intermédio da oralidade. Arelada à ideia de cultura como um conjunto de símbolos e significados que compõem o comportamento humano, o que percebemos é uma adaptação ou mudanças ~~nos usos~~ a utilização das plantas que se adequam às necessidades da população e às suas mudanças externas e internas.

Com o processo de crescimento do espaço central da comunidade, as plantas passaram a representar um cuidado com a saúde longo e muitas vezes ineficaz, abrindo espaço para a visão dessas mesmas plantas como um atraso, já que a localidade passou a dispor de uma Unidade Básica de Saúde. Na Unidade são encontrados e disponibilizados remédios, vacinas e intervenções médicas rápidas, como pequenas cirurgias.

No trabalho de campo, foi possível observar uma ideia recorrente entre a população, de que, há tempos, no acometimento de alguma enfermidade, o tratamento era primeiramente buscado nas plantas e benzedeadas locais, deixando o hospital ou tratamento médico para casos mais graves. Após a

implantação e funcionamento da unidade de saúde em Cachoeirinha, passou-se a questionar o lugar das plantas como meio de cura. O recurso dos serviços médicos ficou facilitado. Agentes de saúde percorrem a comunidade, de porta em porta, para levar medicamentos e marcar consultas, indicando o tratamento e o médico para qualquer problema relatado.

No entanto, o que mais nos chamou atenção em Cachoeirinha foi que, mesmo com uma maior busca pelos serviços médicos, as tradições populares de cura não se esvaziaram. Foi fácil encontrar na comunidade pessoas que perpetuam essa prática, cultivando, na maioria dos casos, as plantas para utilização dentro da própria casa. Os que praticam esses rituais de cura e indicam as plantas com fins medicinais são conhecidos e respeitados entre a população e, de modo geral, têm a tradição na família, receberam o “ofício” de seus ancestrais.

O aspecto religioso está muito relacionado ao uso das plantas. Além da finalidade de cura, os que perpetuam a prática, no geral, são também “benzedeiros”, fazem orações e rituais para cura do corpo e da alma. Na comunidade há uma mescla de influência católica e resquícios de religiões de matriz africana, como a umbanda que há muito exercia grande influência na região. É possível perceber isso ao tratar da erva mais citada pelos habitantes: o Elevante (ou *levante* e *alevante*). O Elevante, além de ser usado para febre e dor no estômago, também é constante na religião umbandista para “levantar o astral do médium”, sendo uma planta usada em rituais aromatizantes e energizantes e está ligada a Xangô<sup>3</sup>.

Uma preocupação comum entre os praticantes de cura na comunidade é a do dano ao se preparar a planta de uma maneira errada (chá, emplasto, pomada) e o remédio acabar tendo efeito contrário, tornando-se venenoso ao organismo. As folhas leitosas, gordurosas ou porosas foram citadas como fonte de doenças se preparadas em infusão - como é o caso da *erva de passarinho*, *arnica* e *citronela*. Além disso, a própria noção de remédio se tornou fundamental e é comum as pessoas juntarem às plantas outros elementos. Dentre as “misturas”, encontramos: chá mais gordura de pato, para curar pneumonia; fezes de cachorro para sarampo; hortelã, pau pereira e chifre de boi para verme. Acredita-se em um princípio ativo presente nesses elementos, que dão maior segurança às receitas de plantas.

Considerou-se, assim, que é de grande importância e relevância cultural a tradição que as práticas de cura com plantas medicinais têm na perpetuação e manutenção da identidade coletiva em Cachoeirinha. As pessoas na comunidade e na região procuram as benzedeadas e raizeiros porque acreditam no valor simbólico e na eficácia do tratamento. Com o objetivo de valorizar, resgatar essas tradições culturais e perpetuar essa memória entre os próprios moradores, propusemos a realização das duas oficinas apresentadas na seção anterior.

Ao realizar a montagem e divulgação das oficinas sobre os diferentes usos das plantas medicinais e seus significados culturais, num contexto interdisciplinar, tivemos por objetivos preservar e divulgar saberes e práticas que ultrapassaram gerações, destacando seus significados para a comunidade. No trabalho com a oficina na escola, pôde-se observar o interesse dos alunos pelas plantas e a curiosidade deles em saber dos benefícios para cura. A dinâmica da oficina propiciou o incentivo da percepção dos alunos como sujeitos da produção de saberes e de identificação com códigos culturais presentes nas práticas preservadas e analisadas na atividade.

Nos relatos apresentados, os alunos destacaram a importância de se conhecer os costumes de gerações anteriores, sobre quais plantas eles usavam e como eram esses usos. Além disso, ressaltaram a compreensão da História do Brasil e de Minas Gerais através da interdisciplinaridade, possibilitando “ver” a disciplina, os costumes e práticas culturais através de outros olhares. Isto, no debate sobre a colaboração mútua entre heranças indígenas, europeias e africanas nos usos das plantas medicinais e as ressignificações dessas práticas na comunidade.

Percebemos na realização da oficina no Posto de Saúde a importância de se destacar e valorizar o olhar da comunidade para um resgate cultural com as plantas para uso medicinal. No decorrer da atividade, foi possível apreender a necessidade sentida pelos próprios moradores na preservação desses costumes como identidade cultural de Cachoeirinha. Nesse sentido, a oficina ministrada no Posto permitiu a abertura de um maior diálogo com a comunidade, para valorização da cultura local e o resgate da memória individual e coletiva construída em Cachoeirinha. Foi possível, ainda, perceber a identificação da população com o tratamento por meio plantas e seus rituais de cura. Um dos pontos destacados pelos participantes da oficina foi a importância do diálogo sobre esses rituais de cura, um maior esclarecimento e valorização pela própria população, como formas de combater os preconceitos que ainda permeiam essas práticas.

## Conclusões

O projeto “Tradições populares nos costumes e práticas de cura com plantas medicinais em Viçosa e região”, teve na comunidade de Cachoeirinha um cenário propício ao desenvolvimento dos objetivos propostos. A diversidade cultural refletida nos usos e significações das plantas medicinais na localidade nos permitiram analisar as permanências e rupturas dessas tradições e valorizar, por meio das oficinas, o resgate cultural dessas práticas dentro da comunidade.

A experiência realizada no Posto de Saúde evidenciou que as tradições populares de cura convivem com as práticas da medicina acadêmica. Apesar de o espaço rural ser o local de maior difusão dos usos das plantas e da perpetuação destes por intermédio de gerações, a área urbana da comunidade apresentou uma convivência entre as práticas acima referidas. Era comum observar a utilização do tratamento médico em conjunto com as indicações passadas pelos raizeiros e benzedeiros locais.

Observou-se, durante o trabalho de campo, a busca pelos moradores por uma benzedeira ou rezadeira local, no intuito de buscar a cura para aquilo que o atendimento médico não havia surtido os resultados esperados. Como exemplo, observamos os casos de “mal olhado”, “espinhela caída”, “olho gordo”, para os quais, a realização do ritual de cura dependia muito mais da fé de quem o realizava e do que de quem o recebia.

Há algumas décadas, o acesso aos serviços médicos na região era difícil. Havia limites nas possibilidades de acesso rápido a consultórios e hospitais, o que era ainda mais dificultado pelas condições financeiras da população e pelas próprias condições de deslocamento. Com a implantação da unidade de saúde em Cachoeirinha, passou-se a questionar o lugar das plantas como meio de cura. As agentes de saúde que saem de porta em porta para levar medicamentos e marcar consultas indicam o médico para qualquer problema relatado. Contudo, quando se perguntava aos moradores sobre o lugar das plantas nos cuidados com a saúde, eram resgatadas memórias que indicavam a importância e a perpetuação cultural nos usos das plantas medicinais para finalidades de cura. Eram relatados, por exemplo, o contínuo uso de chás para problemas mais simples como chá de hortelã para desconforto intestinal, chá de camomila para insônia, erva terrestre para dor de cabeça, poejo e erva cidreira para gripe e resfriado, chá de folha de amora para tireoide, entre muitos outros.

Assim, o projeto analisado neste artigo, trouxe à tona essa perpetuação cultural existente em Cachoeirinha, atentando para as permanências de práticas por gerações de moradores. Na realização das oficinas, foi possível observar as lembranças e memórias da população. Muitos se sentiam nostálgicos ao compartilhar práticas que não usavam mais, outros se orgulhavam de terem aprendido técnicas de cura com antepassados e alguns comentaram a identificação que sentiam para com o outro ao perceberem que os tratamentos ensinados pelos avós ainda estão presentes em grande número na região.

Acredita-se que a Universidade é um importante espaço para a formação interdisciplinar e para a reflexão sobre práticas culturais e divulgação de novas propostas que conjuguem ensino e cultura, tanto para a comunidade acadêmica quanto, e principalmente, para a comunidade de uma forma geral. Nesse sentido, além da busca por maior interação e diálogo entre a comunidade e a Universidade, a pesquisa abriu caminho para a reflexão sobre práticas culturais que perpassaram gerações, buscando a identificação da comunidade com essas práticas e com a própria identidade dos grupos que perpetuam esses saberes.

## Fontes de Financiamento

O projeto foi financiado com recursos da Universidade Federal de Viçosa, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Cultura e Arte Universitária - PROCULTURA - UFV.

## Referências Bibliográficas

BRASIL - Ministério da Educação. *Parecer CNE/CP 9/2001*. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília: MEC, 2001.

DANTES, Maria Amélia. A implantação das ciências no Brasil: um balanço historiográfico. In: ALVES, José Jerônimo de Alencar (org.). *Múltiplas faces da História das Ciências na Amazônia*. Belém, Editora UFPA, 2005, p. 31-48.

- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. 1 ed. 13 reimpressão, Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- Neves, Margarida de Souza. "Ciência, civilização e República". In: Heizer Alda e Videira, Antonio Augusto Passos (orgs.). *Ciência, Civilização e República nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Mauad X / Faperj, 2010, p. 31 - 44.
- PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. *Viçosa, Mudanças Sociais e Socioculturais: evolução Histórica e tendências*. Viçosa: Imprensa Universitária, 1990.
- Saldaña, Juan José. "Ciência e Identidade Cultural: História da Ciência na América Latina". In: Figueirôa, Silvia. *Um olhar sobre o passado: história das ciências na América Latina*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000, p. 11 - 32.
- SANTOS, Laura Carvalho. "Antonio Moniz de Souza, o Homem da Natureza Brasileira: ciência e plantas medicinais no início do século XIX". In: *História, Ciência, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol. V15, n. 4, out-dez 2008, p. 1025-1038.
- SANTOS, Fernando Sérgio Dumas. "Tradições populares de uso de plantas medicinais na Amazônia". In: *História, Ciência, Saúde - Manguinhos*, vol. VI (suplemento), setembro 2000, p. 919-939.
- SPETHMANN, Carlos Nascimento. *Medicina alternativa de A a Z*. São Paulo: Edições Natureza, 2004.

Recebido para publicação em 18/6/2016 e aprovado em 9/9/2016.

---

<sup>3</sup> "Xangô teria sido o quarto rei da cidade de Oiô, que foi o mais poderoso dos impérios iorubás. Depois de sua morte, Xangô foi divinizado, como era comum acontecer com os grandes reis e heróis daquele tempo e lugar, e seu culto passou a ser o mais importante da sua cidade, a ponto de o rei de Oiô, a partir daí, ser o seu primeiro sacerdote." Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/prandi/xangorei.htm>>. Acesso em: 20 de fev. 2016.